

## As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares

*Teresa Pires de Carvalho\**

### Resumo

O castro de Mozinho, dada a sua extensão e pervivência no tempo, possuía várias necrópoles espalhadas ao longo da muralha exterior do povoado, que foram alvo de diversas publicações, algumas baseadas em descobertas fortuitas, fruto de violações, outras a partir de escavações efectuadas em 1974 e 1975. O presente texto refere-se à primeira escavação em extensão numa outra necrópole, localizada mais a nordeste da anteriormente referida, aparentemente junto a uma provável entrada do povoado, tendo sido detectadas duas zonas distintas que reflectiram dois rituais de enterramento: um, de incineração, mais antigo e confinado num espaço reduzido, e outro, de inumação, num espaço mais vasto, imediatamente a seguir à muralha.

É a análise dos materiais, bem como dos tipos de enterramento, que procuramos desenvolver nesta comunicação.

### Abstract

The “castro de Mozinho”, due to its extension and survival in time, possessed several necropolis along the exterior walls of the village that were subject to several publications, some based in accidental discoveries or result of violations and others from excavations accomplished in 1974 and 1975. The present text refers to the first excavation in extension of one other necropolis, located north-east of the first mentioned, apparently, by a probable entrance of the village. Two distinct zones were detected that reflected two burial rituals: one of incineration, older and confined in a small space, the other of inhumation, in a vaster space, immediately after the walls. This communication will be based in the analysis of both the materials and the types of burials.

---

\* Arqueóloga. Museu Municipal de Penafiel

## 1. Introdução

O artigo que agora se publica decorre de uma das últimas escavações realizadas em Monte Mozinho (2004)<sup>2</sup> e que puseram a descoberto duas necrópoles, uma de inumação e outra de incineração. A primeira foi fruto de escavações regulares que anualmente se realizam em Mozinho, neste caso, subsidiadas por uma candidatura comunitária (INTERREG III A); a segunda deveu-se a uma escavação de emergência num local arqueologicamente sensível, onde a Autarquia queria implantar uma escultura, cuja base de sustentação precisava de 3 metros de profundidade.

Procurámos, pois, a partir do levantamento de todos os materiais e registo das posições relativas das sepulturas, perceber as principais diferenças e/ou similitudes entre os dois tipos de necrópoles, quer ao nível do ritual de enterramento, quer ao nível do espólio (quantidade, qualidade).

A apresentação destas necrópoles não pretende ser exaustiva, uma vez que o espólio encontrado ultrapassa, no seu conjunto, mais de 500 peças, o que tornou impossível a sua publicação num artigo de extensão limitada. Guardamos para um futuro próximo a publicação das formas e fabricos de todas as peças, que serão ilustradas com os respectivos desenhos. Por ora, damos a conhecer, de uma forma global, os aspectos que se nos afiguraram mais interessantes e significativos para a compreensão dos rituais de enterramento e das mudanças percepcionáveis em, pelo menos, dois momentos distintos.

## 2. Antecedentes

Como antecedentes do estudo das necrópoles em Mozinho, destacamos, em primeiro lugar, a publicação em 1920 do levantamento feito por Lacerda Machado (Machado, 1920:25), que localiza o sítio onde apareceram sepulturas escavadas no saibro e de onde

seriam provenientes alguns vasos recolhidos por um estudioso local (Monteiro de Aguiar). Esse local, apontou-o no exterior de um muro por ele desenhado e que corresponderia à mais longa muralha do povoado. Depois disso e ao longo da primeira metade do séc. XX, alguns achados avulso postos a descoberto por curiosos e pesquisadores de tesouros, foram descritos por José de Pinho (Pinho, 1931:14): “*O padre José Monteiro de Aguiar (...) foi podendo reunir uma pequena colecção de objectos*”. Destes, sabe-se que parte deles foram encontrados dentro do castro e parte, fora. Mais adiante (Pinho, 1931:15), informa que de fora, seriam “*2 vasos ornamentados quando a pasta estava ainda fresca, um, a traços incisivos, outro, com eles feitos simplesmente a brunido, uma lucerna de tipo séc. II, um oenochoe (trilobado), um vaso de barro aretino grafitado com a inscrição CLOVI<sup>3</sup>, uma pátera do mesmo barro, 2 pratos (discus) e um vaso sem bocal. Parte destes vasos foi encontrada dentro de uma sepultura de inumação, com tampa de lousa, junto de grossos pregos reunidos em grupo, perto da Poça da Presúria*” (Fig. 38, perto da zona A / B).

Conclui então (Pinho, 1931:28-30) que, “*a primeira sepultura encontrada pelo padre José Monteiro de Aguiar era de inumação e naquela mesma necrópole também se praticou o rito de incineração como o provam a olla com cinzeiro (...). A presença da olla cineraria dentro de uma sepultura prova que o cadáver foi levado à pira noutra sítio (...) caso vulgar só reservado aos ricos, pois os pobres eram incinerados (...) no ustrinum comum, visto a lei não consentir que qualquer levantasse uma pira em terreno que não fosse seu. (...)*”

Foi a partir destes apontamentos que, mais tarde, um levantamento topográfico feito pela Câmara Municipal a pedido de Afonso do Paço, confirma a localização dos sítios de enterramento.

Em 1974, 75 e 76, Carlos Alberto Ferreira de Almeida realizou escavações arqueológicas que abrangeram o local de uma das necrópoles, com sepulturas

<sup>2</sup> Manifestamos aqui o nosso agradecimento a todos os que colaboraram activamente neste projecto e sem os quais não teria sido possível a sua concretização. No campo da arqueologia, ao Doutor Francisco Queiroga, à Dra. Maria José Ferreira dos Santos, ao Técnico António Manuel Vitorino, ao Dr. Hugo Parracho Gomes e à Dra. Helena Bernardo; na execução dos desenhos, à Arquitecta Isabel Correia; nas fotografias, à Dra. Ana Leal.

<sup>3</sup> Voltámos a analisar este vaso (Carvalho, 1998:74 e 101. n.º 2135) tendo constatado tratar-se de terra sigillata hispânica, cronologicamente atribuída aos Flávios, o que nos coloca a dúvida de saber se proveio de uma sepultura de inumação como o autor refere.

de inumação (1974) e com sepulturas de incineração (1975 / 76). Em 1974 descobre quatro sepulturas (sítio marcado com a letra A na fig. 38) estando uma, a terceira, cortada por um caminho, tendo, por isso, apresentando pouco espólio.

A sep. 1 tinha cobertura com pedras graníticas e o fundo formado por lajes de xisto. Caixa estruturada com pedra aparelhada a toda a volta, com uma prateleira do lado esquerdo da sepultura (mesa de oferendas), à qual se acedia pelo exterior, com 2 pratos, 1 copo e 1 vaso em vidro, moedas de Constantinus (séc. IV). A sep. 2 também era estruturada com pedras, mas sem cobertura nem lajes no fundo, tendo sido provavelmente violada



Figura 1. Local onde se escavou a necrópole, vendo-se ao fundo a muralha.

como o atesta a dispersão e fragmentação do espólio. A sep. 3 não foi escavada na totalidade, por ter sido cortada por um caminho e apresentou pouco espólio – gargalo de vaso com grafito PROCVLI. A sep. 4 era formada por uma caixa feita com pedras relativamente pequenas, cobertas por lajes de granito. O fundo e os lados da caixa estavam forrados por fragmentos de *dolium* tardo-romano. Este forro deveria servir para impedir que a terra entrasse na sepultura. Era uma sepultura pequena, cujas formas cerâmicas também eram pequenas, fazendo pensar se se trataria de uma sepultura infantil. O espólio foi abundante e variado.

Em 1975/76, C.A.F. de Almeida escava duas sepulturas, dois metros a norte das n.º 2 e 3 de 1974. Uma, de cremação, constituída por uma mancha com mais de 1,5 m de diâmetro, com um espesso depósito de carvão, de 10 cm de altura, no qual assentava um conjunto de vasos e uma moeda (ALMEIDA 1977: 29) de Alexandre Severo (231-235), o que traduz que em meados do séc. III ainda se conservava em Mozinho o rito de cremação, tal como acontece em Braga (Martins e Delgado, 1989/90:177). A fogueira foi realizada no próprio local do enterramento das cinzas. Não havia nenhuma estrutura a suportar a sepultura. A segunda sepultura estava a cerca de 130 m para sul (Fig. 38, B). As cinzas estavam depositadas em pratos e tudo colocado num pequeno covacho. Ao contrário da anterior, a pira fora noutra sítio. O espólio não é datável,

mas em volta desta sepultura houve outras, cujos materiais datam dos séc. I / inícios do II.

Resumindo, os achados descobertos apontavam para a existência em pelo menos dois locais à volta da muralha de Mozinho com necrópoles, de incineração (séc. I/II e séc.III, em covacho) e de inumação (séc. IV / V, em sepulturas rectangulares estruturadas em pedra e com pequenas diferenças de desenho.

### 3. Casos de Estudo: A necrópole de 2004

Nunca mais se escavou em necrópoles em Mozinho, até 2002 quando, ao procurar a vala de fundação da muralha mais extensa do povoado, já no sopé do monte (Fig. 38 - I,1), deparámos com uma sepultura muito simples, escavada junto à muralha, em níveis do séc. IV e que cortou uma parte da vala de fundação. Era uma sepultura subrectangular, sem estrutura de pedras, apenas cavada na terra e no saibro, tendo fornecido material numeroso: dois jarros na parte superior da sepultura e colocados a nascente, onde eventualmente estariam os pés do defunto; a 10 cm de profundidade, a meio da sepultura, apareceram mais vasos: duas tacinhas, uma taça maior ou prato covo; do lado ocidental, encontrava-se deitado um pucarinho pequeno (CARVALHO 2005: 150, 132 e 146, Fig. 5.1 e 5.2).

Nas escavações de 2003, que visavam pôr a descoberto um troço significativo da muralha, ao limpar a



Figura 2. Sepultura 2



Figura 3. Sepultura 1

encosta fora desta, surgiu uma sepultura (Fig. 38 – I, 2), a pouca profundidade (menos de 20 cm), rectangular, estruturada com pedras e imbrices, coberta por placas de xisto e fragmentos de tegulae, que também fechavam a cabeceira da sepultura, a oeste (CARVALHO 2005: 134, 149, Fig. 6.6 e 6.7). A partir destes dados, programámos para 2004, a escavação em área desta encosta exterior ao povoado, de pendor suave, na direcção Norte. Fig1

Desses trabalhos, resultou a exumação de 9 sepulturas de inumação, em redor da sepultura detectada em 2003, que ainda forneceu material ao afundarmos a escavação. Mas, ao contrário desta, as 9 sepulturas não são estruturadas, estando apenas escavadas no saibro, algumas aproveitando uma das valas / fosso (?) da muralha. Não vamos tratar aqui o problema das valas paralelas à muralha, que deixaremos para um outro momento, apenas salientamos o facto de que qualquer que fosse a sua função, elas já estariam desactivadas e aterradas no século IV, altura em que uma delas, a Vala 3 se transformou em zona de necrópole, sendo que foram aí detectadas as dez sepulturas cuja descrição faremos de seguida<sup>4</sup>.

Em quase toda a área intervencionada a potência estratigráfica é muito reduzida, limitando-se a uma camada de terra castanha, muito solta e ressequida, resultante de escorrências. Em certas zonas temos maiores concentrações de pedras, devido aos derrubes das estruturas, nomeadamente da muralha e da Estrutura 1. O espólio encontrado neste nível é escassíssimo, sendo quase todo castrejo/romano. As excepções a este panorama prendem-se com uma camada esverdeada sob a camada castanha (...), com o interior da estrutura 1 onde foi escavado o nível de derrube e com os níveis de enchimento dos segmentos da vala escavada no saibro (...). Da camada arenosa do fundo destes últimos, saiu material claramente

localizável no século I (cerâmica tipicamente castreja e fragmentos de ânfora Dressel 1).

Neste contexto, foi detectada uma zona de enteramentos com 9 sepulturas de época Tardo-Romana (séc. IV)

Sepultura 1 – sepultura de inumação, parcialmente escavada no saibro, cujo espólio era composto por 1 jarrinha, 1 potinho, 1 pote tipo urna, 3 pratos, 1 púcaro e 1 bilha/jarro. De referir que o pote tipo urna se

<sup>4</sup> Toda esta parte da descrição da necrópole de inumação foi retirada do relatório de escavação feito pelo arqueólogo Hugo Parracho Gomes que, em colaboração connosco, participou nas campanhas de escavação e a quem, mais uma vez, deixamos o nosso agradecimento.

encontrava um pouco afastado do restante conjunto, mas não existiam indícios de qualquer outro enterramento, pelo que concluímos que terá resvalado um pouco.

Sepultura 2 – sepultura de inumação, parcialmente escavada no saibro, cujo espólio era composto por 3 pratos, 2 jarros, 1 potinho/púcaro e 1 dobradiça em ferro, provavelmente pertencente ao caixão. (Fig. 2. e Fig. 3).

Sepultura 3 – sepultura de inumação, parcialmente escavada no saibro, cujo espólio inclui 1 bilha, 1 jarra, 1 púcaro, 2 pratos e 1 tacinha. Também existiam pregos em abundância, provavelmente do caixão.

Sepultura 4 – sepultura de inumação, cujo espólio inclui 1 prato/taça, 2 pratos, 1 púcaro, 1 bilha trilobada, 1 cântaro e 1 bilha.

Sepultura 5 – sepultura parcialmente escavada no saibro. Não continha qualquer espólio.

Sepultura 6 - sepultura de inumação parcialmente escavada no saibro cujo espólio era composto por 1 copo/púcaro, 1 potinho, 2 bilhas e 3 pratos. Foram também registados alguns pregos do caixão in situ. (Fig. 4 e Fig. 5),

*Sepultura 7 - Sepultura bastante destruída. Foi possível aquilatar que estaria delimitada por uma linha de pedras também incompleta. Apenas foram detectadas duas peças claramente associadas a este enterramento, mas mesmo estas bastante danificadas. Foram, no entanto, recolhidos vários fragmentos de outras peças que poderão pertencer a esta sepultura.* (Fig. 6 e Fig. 7).

Sepultura 8 - sepultura de inumação cujo espólio era composto por 1 copo/púcaro, 2 bilhas, 1 taça, 2 pratos e 1 jarro, para além de uma peça de vidro.

Sepultura 9 - sepultura de inumação próxima da sepultura de 2003, para Oeste, mas a uma cota inferior. O espólio era composto por 1 prato, 2 pratos/taças, 3 bilhas e 1 púcaro/copo. (Fig. 8).

*Sepultura de 2003 - Esta sepultura foi parcialmente escavada durante as campanhas do ano transacto, tendo ficado à vista o topo das paredes, as tegullae bem assim como as placas de xisto da tampa/cobertura. Nesta campanha procedemos à retirada da tampa e à escavação do interior, tendo sido detectadas 4*



Figura 4. Sepultura n.º 6



Figura 5. Sepultura n.º 4

*peças bem como alguns pregos e uma dobradiça do caixão. As peças eram 2 pratos, 1 copo/púcaro e 1 taça. Foram ainda detectadas 3 peças junto à sepultura pelo exterior (lado Oeste), nomeadamente, 2 bilhas e 1 jarro.* (Fig. 9).

Foi também descoberta uma estrutura, formada provavelmente por dois compartimentos (um, inteiro, rectangular – 1A – e o arranque de outro, muito incompleto – 1B) e que eventualmente pode estar associado à necrópole. O edifício é perpendicular à muralha, construído já numa fase de desactivação da mesma e cronologicamente já da fase do Baixo Império,

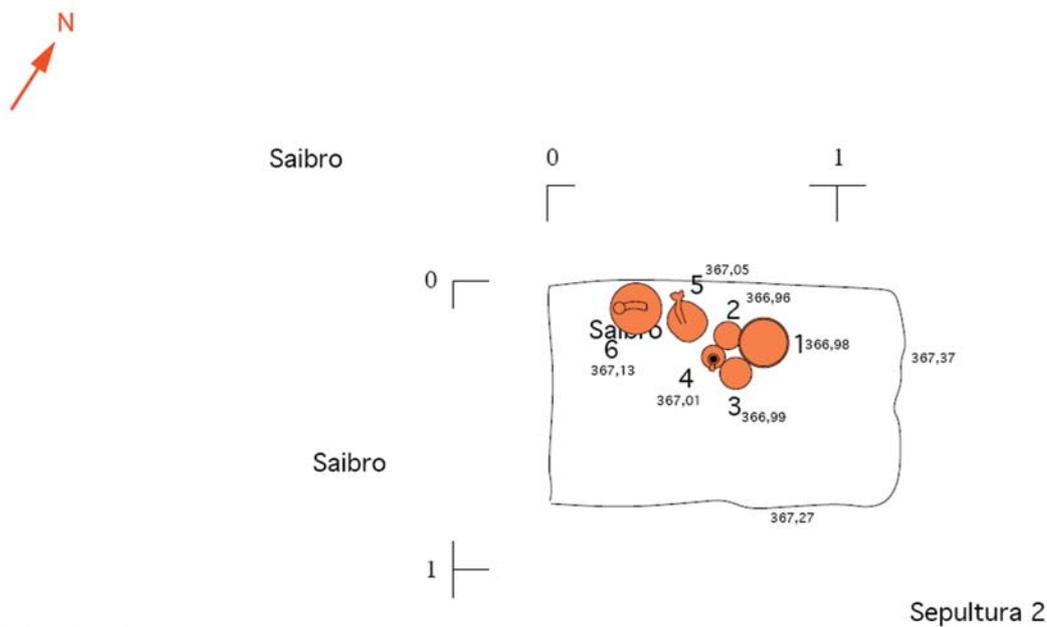


Figura 6. Sepultura 2

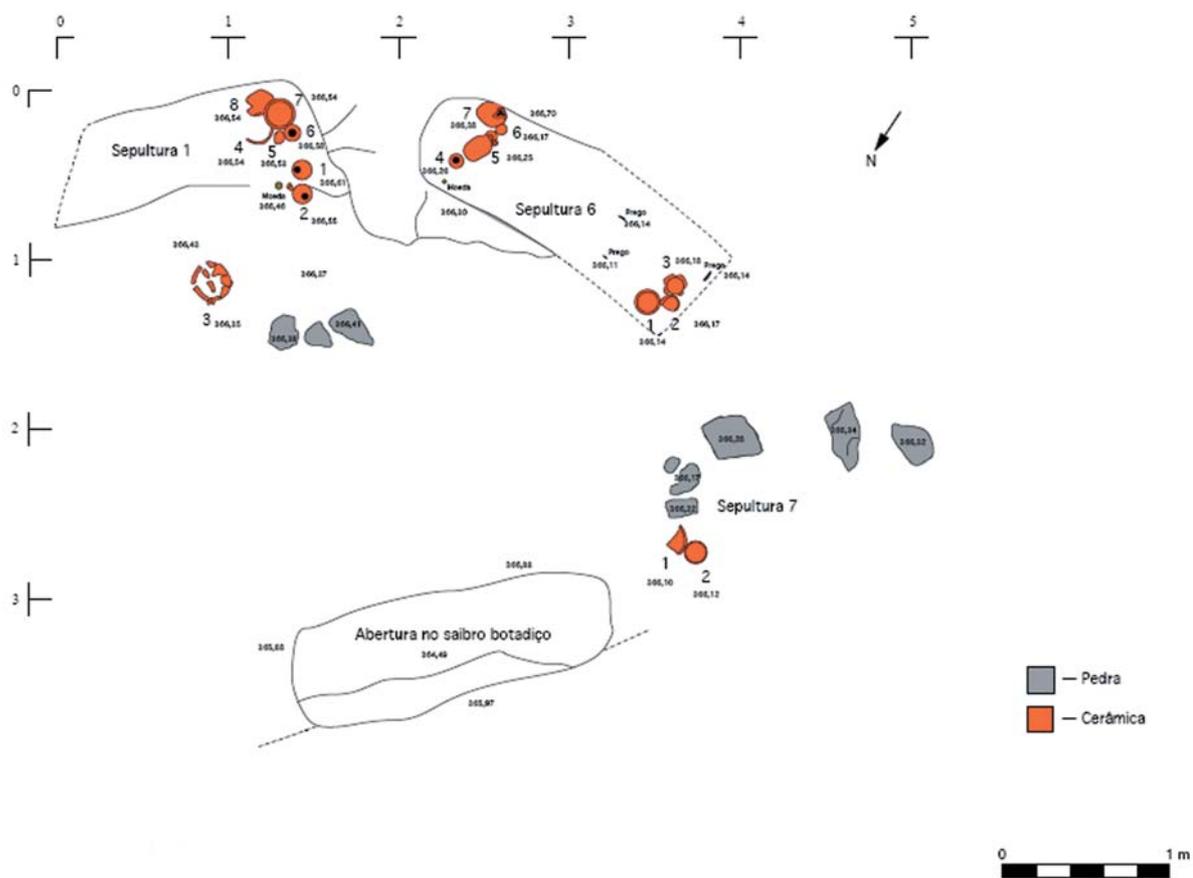


Figura 7. Sepulturas 1, 6 e 7

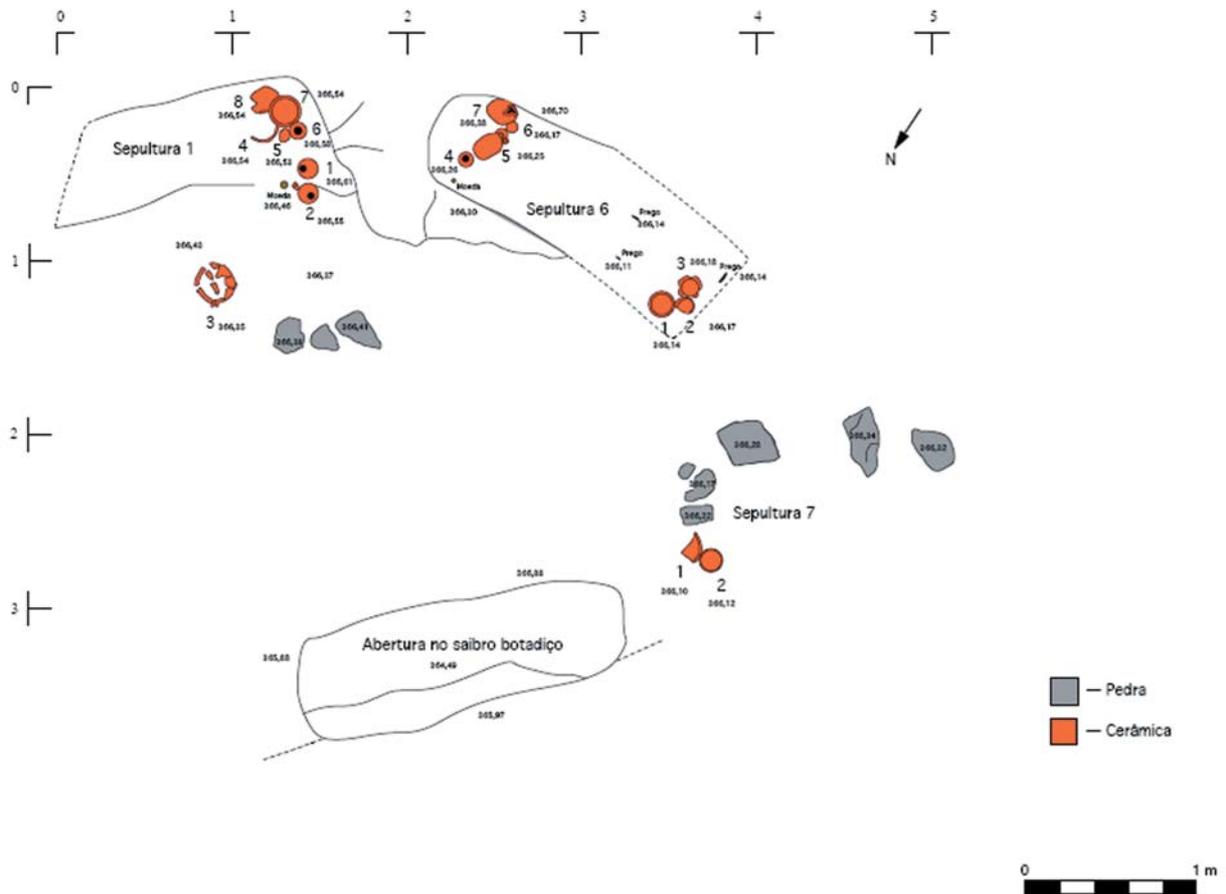


Figura 8. Sepulturas 3, 4, 5, 8 e 9 e a de 2003



Figura 9. Sepultura de 2003, antes e depois de escavada, vista da cabeceira, com a mesa das oferendas

como o comprovam os escassos materiais que forneceu, o facto de se encontrar numa camada posterior à da destruição da muralha e estar conectado, estratigraficamente, com as sepulturas de inumação. (Fig. 10 e Fig. 11).

Para além destes trabalhos programados, tivemos de efectuar, entretanto, uma escavação de emergência, a cerca de 40 metros para norte, onde detectámos uma necrópole de incineração que os trabalhos de acompanhamento para implantação de uma escultura perto do Centro Interpretativo, tinham revelado.

As sepulturas encontravam-se numa espécie de anfiteatro natural formado por um grande desnivelamento do subsolo granítico que, do lado sul se encontrava à

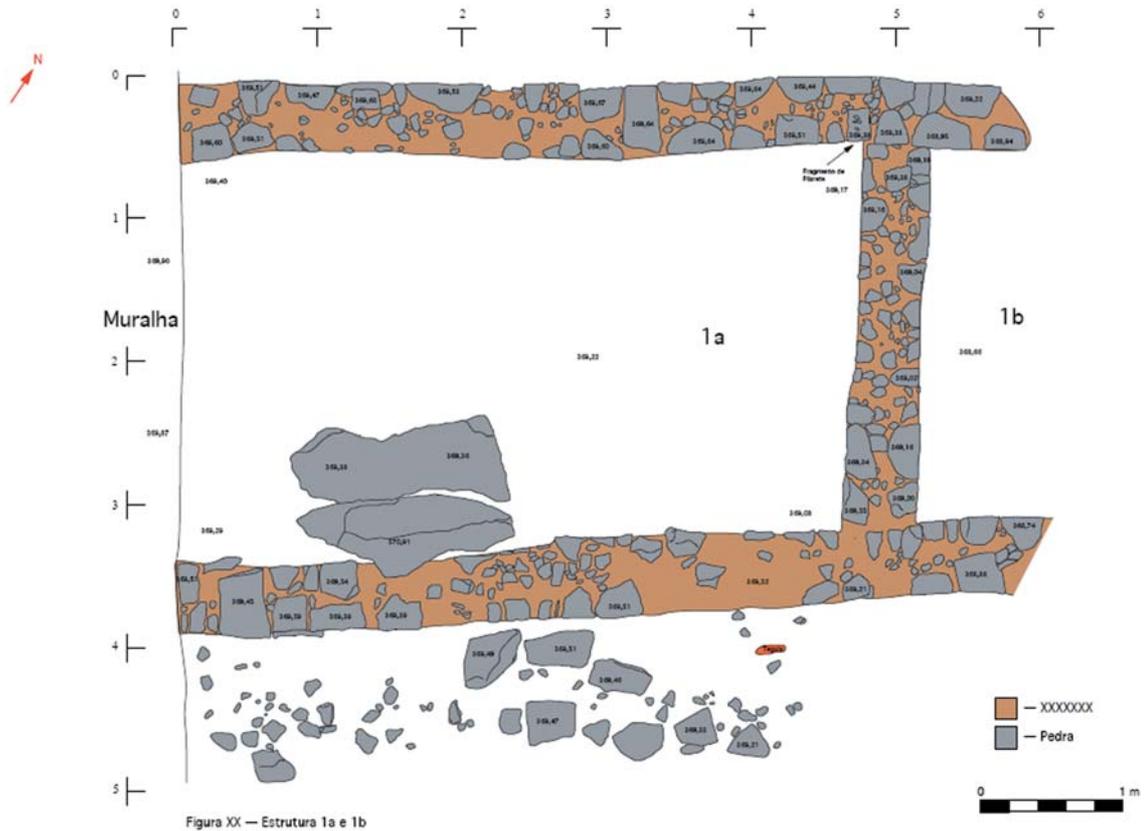


Figura 10. Planta estrutura

superfície e, de repente descia até cerca de 3 metros de profundidade. A primeira sepultura encontrava-se a partir dos 1,60m, desenvolvendo-se, em cinzeiros sobrepostos, numa área de cerca de 50 m<sup>2</sup>, até 2,50 m de profundidade. Estabelecemos uma quadrícula de 3 x 3 m, ficando a área dividida em seis quadrados.



Figura 11. Vista geral com o edifício junto à muralha

No conjunto foram escavadas cerca de 59 sepulturas, a que se juntam manchas carbonizadas, mas sem espólio, que podem corresponder a locais de incineração ou a prolongamentos das sepulturas detectadas, ou, menos credível, a sepulturas sem espólio. Estas encontravam-se muito juntas, quer em área, quer em sobreposições, havendo casos em que a cota entre sepulturas, não ultrapassa os 10 cm.

A figura ajuda-nos a perceber, na quadrícula Q1 o ambiente estratigráfico, onde se incluíam as sepulturas. ( Fig. 12).

No perfil Norte, encontramos depósitos de terra, posteriores às sepulturas, até à unidade 5, com várias intrusões fruto das obras de qualificação do Centro Interpretativo e que não forneceram espólio. A unidade 8 era o nível contemporâneo da necrópole e no qual se abriram as sepulturas. A unidade 7 corresponde a um cinzeiro, nº 7; a unidade 9 é uma bolsa de areão, que pode sugerir uma intenção ou ser fruto de escorrências de levadas de água. No

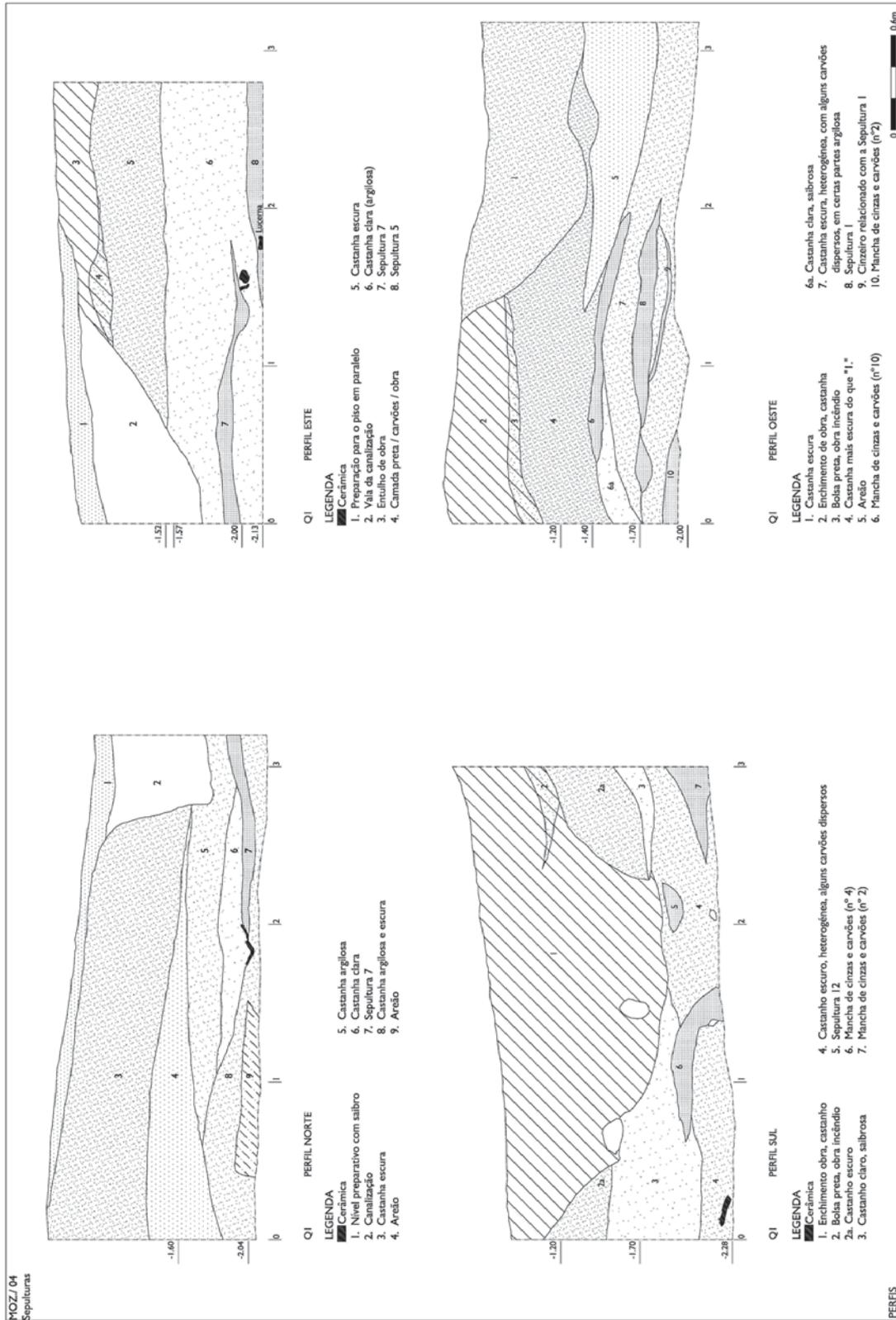


Figura 12. Perfis da quadricula Q1.



Figura 13. Sepultura 1(esq.), 19(dta),18(2.º plano)



Figura 14. Conta do n.º 18



Figura 15. Espólio do n.º 19

perfil Este, voltamos a encontrar camadas semelhantes, aparecendo outro cinzeiro, nº 5. No perfil Sul, a acção da obra de introdução de um cano, não afectou as sepulturas, pois estas começaram a aparecer sob o enchimento, como se verifica com a sepultura nº 12, aberta na unidade 4; a mancha de carvões nº 4, que não forneceu nenhum material, foi feita na unidade 3, tendo cortado a 4; a mancha de carvões e cinzas nº 2, estava inserida na unidade 4. No perfil Oeste, mantêm-se genericamente as unidades de depósito e aparecem várias manchas, como o nº 10 e nº 2, algumas correspondentes a cinzeiros, como o nº 1. De notar que todas as sepulturas escavadas foram abertas na mesma camada castanha escura, que vai tendo pequenas alterações com maior ou menor quantidade de carvões e ossos e mais ou menos pastosa, o que pode estar relacionado com a terra de cremação que adquire uma textura gordurosa.

A partir daqui, abandonámos a escavação por quadrículas (que mantivemos por questões de referência no desenho) e começámos a escavar em área, procurando determinar toda a extensão da necrópole.

Fazendo uma breve descrição sequencial das sepulturas, começaremos por um primeiro plano com as sepulturas 1, 18, 19, 12, 16, 14, 35, que se encontravam entre as cotas de 168cm e 190cm de profundidade (Fig. 39). Ao mesmo nível deste plano, surgem três cinzeiros sem nenhum espólio, um bastante extenso (nº 15), constituído por uma mancha de cinzas, ossos calcinados e alguns pregos, sobre a sepultura nº 16, de muito menores dimensões, cuja interpretação nos escapa; um outro cinzeiro, mais pequeno (nº 20), pode eventualmente relacionar-se com a sepultura que lhe está subjacente (nº 32) não tendo fornecido nenhum tipo de material; o nº 7, que forneceu um objecto de ferro semelhante a uma dobradiça.

Sepultura 1 – cinzeiro de forma ovalada, com cerca de 1,20m x 1m, apresentando uma mancha compacta de carvões e os-

sos. O espólio, escasso, era constituído por um prato de sigillata hispânica 15/17, em nível bastante elevado, alguns pregos e um peso de tear.

Sepultura **18** – cinzeiro rectangular de incineração, medindo cerca de 80cm x 60cm, com vasos concentrados no topo poente, colocados de pé, com os espaços preenchidos por uma terra cinzenta clara muito fina. Como espólio, encontrámos uma conta de colar em bronze de decoração espiralada, dois jarros, um de cor laranja, outro com ligeiro engobe avermelhado, com asa de fita e bordo moldurado, um jarro trilobado de cor cinzenta, com vestígios de fuligem no bordo e gargalo, uma moeda em bronze, muito deteriorada e ilegível, um jarro de boca larga, de fabrico fino, pasta branca. É o único vaso que, pelo seu fabrico (pasta branca muito depurada, semelhante à das bracarenses - fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160, embora não seja pintado), eventualmente se pode colocar no séc. I ou II.

Sepultura **19** – sepultura em forma de retângulo irregular medindo 70cm x 50cm, com os vasos amontoados no meio da mancha de carvões e ossos. O espólio, variado, era constituído por uma caçarola com asas oblíquas, semelhante às que aparecem no povoado, nos sectores mais antigos (Soeiro, 1984:140 e Fig. LXIII, nº 6), um prato bracarense da forma 36 mais outros três da mesma forma, mas de pastas menos apuradas, de vários tamanhos e engobes diferentes (laranja claro, acastanhado, avermelhado), duas taças de sigillata hispânica 27 e uma outra da mesma forma em fabrico bracarense, dois copos de fabrico fino (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90: 160), uma moeda em bronze, seis pregos inteiros e outros fragmentados (Fig.13, Fig.14 e Fig. 15).

Sepultura **16** – cinzeiro subrectangular, de 90cm x 70cm, que apareceu sob uma grande mancha rectangular de cinzas, de espessura ténue (nº 15) e que forneceu o seguinte material: grande prato de pasta muito grosseira, mal alisada mas formalmente bem executado da forma 36, com uma inscrição extensa que infelizmente não conseguimos ler, por se encontrar muito ténue, outro prato imitação da forma 36, mais pequeno, com engobe alaranjado; uma tigela com engobe interior alaranjado e pé baixo; um copo de perfil em S, de engobe



Figura 16. Sepultura 35



Figura 17. Espólio da sepultura 12

laranja claro, um jarro trilobado e um prato, ambos com vestígios de fuligem.

Sepultura **12** – cinzeiro de forma quase quadrada, de 60cm x 70cm, onde se depositavam um jarro de gargalo cilíndrico ligeiramente convexo (muito vulgar em achados de necrópole e no próprio povoado), um prato de bordo carenado e engobe vermelho no interior, uma tigela e uma taça fragmentada, de fabrico relativamente cuidado. Nenhuma destas peças apresenta qualquer vestígio de fuligem. Esta sepultura encontrava-se sobre a nº 28.

Sepultura **14** – cinzeiro rectangular de 95cm x 80cm. Como material, forneceu apenas um gargalo em vidro de unguentário, alguns pregos e fragmentos de ossos calcinados, espalhados pelo cinzeiro.

Sepultura **35** – cinzeiro rectangular de ângulos ar-



Figura 18. Sepultura 9 com a pedra / estela



Figura 19. Sepultura 9 depois de escavada

redondados, de grandes dimensões (130cm x 120cm) encostado ao afloramento para Sul, com ossos dentro de uma taça imitação da forma hispânica 8 confundível com sigillata. Tinha ainda um jarro trilobado, um outro de cor laranja, um copo de fabrico fino, um prato de sigillata hispânica 15/17, de aba muito larga, um prato de engobe laranja no interior e muita fuligem, como se tivesse sido queimado e mais uma taça pequena de bordo virado para fora. Não apresentava carvões. A cronologia, com base na sigillata, aponta para o séc. II, ou finais do séc. I (Fig. 16. e Fig.17).

No plano seguinte (Fig. 40), aparecem as sepulturas 9, 29, 31, 32, 41, 42, 5 e 8, juntamente com cinzeiros, de dimensão e espessura variáveis, que não forneceram espólio, mas osso em abundância (sobretudo a

nº 43) e fragmentos de pregos; o nº 38 apresenta uma forma irregular, subrectangular com direcção sensivelmente Este-Oeste, numa mancha com muitos carvões, pequenos fragmentos de ossos e muitos pregos; o nº 39 tem forma irregular oval com uma mancha de carvões, pequenos ossos, sem espólio; o nº 40 é uma mancha irregular de carvões. Embora haja pequenas diferenças quanto a cotas (desde 1,90m até 2,19m), preferimos colocá-las juntas, pois estão mais próximas do que com as seguintes.

Sepultura 9 – Foi a única sepultura estruturada, em pedra, com tampa do mesmo material. Trata-se de uma caixa feita com paredes de pedra aparelhada a toda a volta, tendo no lado sudoeste uma pedra muito mais alta que as outras, como se fosse uma estela tumular, para ser vista; no fundo tinha uma cama também de aparelho onde foram depositados os restos mortais incinerados noutra local. Media, no sentido NW / SE, 1m, e no sentido NE/SW, 80cm. Cortou a sepultura nº 45. Tinha pouco material, pousado dentro da caixa, três bilhas, uma beije trilobada, outra com engobe laranja claro e a terceira com engobe vermelho. Nenhum destes materiais fornece qualquer índice cronológico e só dispomos do facto de se encontrar selada sob a terra da nº 14 (Fig.18 e Fig. 19).

Sepultura 31 – este cinzeiro, de forma aproximadamente quadrada, de 80cm x 78cm, foi dos mais fundos, quase um covacho com perto de 20cm de espessura. Estava sob a mancha nº 15 e cortou a sepultura nº 28 e o cinzeiro nº 38. Forneceu o seguinte espólio: uma lucerna de volutas e bico alongado, disco côncavo liso com orifício de alimentação central bem executado, separado da orla por canelura, com vestígios de engobe cor de salmão. Tem uma marca pouco legível, mas que poderá ser AVFFRON, datável entre o período flávio e o séc. II (Nolen, 1994:43), embora o exemplar de referência tenha bico redondo, separado da orla por um segmento de recta. As lucernas de volutas atribuem-se geralmente ao período que vai de Tibério / Flávios ao séc. II; um prato de sigillata hispânica 36 (que confirma a cronologia da lucerna, a partir da segunda metade do séc. I), com grafito CF.E, podendo a primeira letra ser um C ou um L; um jarro de boca larga e bordo em aba, de fabrico branco fino (fabrico C de Martins e Delga-

do, 1989/90:160), com pintura no gargalo, um copo (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160), um prato cinzento baixo e um púcaro de cor laranja.

Sepultura 32 – cinzeiro de forma elíptica, com 1,30m x 1m. Encosta, sobrepondo-se, ao n.º 26, a Norte e ao n.º 31 a Nascente; sepultura de incineração feita noutra local, tendo sido das sepulturas que mais espólio forneceu, enquadrável na segunda metade do séc. I e inícios do séc. II: dois grandes pratos de bordo baixo, completamente envolvidos num espesso engobe laranja avermelhado e sem vestígios de utilização; três pratos de diferentes fabricos, sendo dois de cor alaranjada e o terceiro cinzento com fuligem; três copos de fabrico fino (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160); uma tigela de sigillata hispânica 27 incompleta e outra com marca ilegível e grafito V[A]P AVE, sendo que o VA e P estão em ligatura, bem como o AVE; uma lucerna pequenina (6cm de comprimento), sem decoração e de bico alongado; uma grande taça de imitação da forma Hisp. 5 com engobe vermelho; taça em vidro verde água, partida, com bordo largo e fragmentos de parede cilíndrica; separada deste, mas do mesmo fabrico, existe um fundo de taça com pé anelar alto e esvasado, que estava cheio de ossos calcinados, mostrando, mais uma vez, a cremação noutra local; gargalo de frasco de vidro transparente, com bordo em aba larga; um jarrinho de vidro fragmentado; um jarrito trilobado e três jarros, sendo um de boca larga e fabrico fino (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160, mas sem pintura).

Sepultura 29 – cinzeiro selado pelos carvões da sepultura n.º 2 e n.º 1. Forma aproximadamente oval, com carvões de incineração. Tinha um púcaro de carena baixa e asa, pintado com motivos geométricos acastanhados, com a boca tapada por um prato de bracarense virado para baixo; dois pucarinhos de cinzenta fina polida; um



Figura 20. Sepultura 32, à direita; n.º 31, à esquerda.



Figura 21. Vaso n.º 29



Figura 22. Vasos da n.º 31 n.º 29, à esquerda no nível de baixo

prato bracarense da forma 36, um copo de pasta muito depurada (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160), uma taça de bordo ligeiramente esvasado de pasta branca muito depurada e engobe alaranjado e outra taça de bordo espessado. Embora esteja no mesmo plano, estatigraficamente parece ligeiramente anterior aos n.º 31 e n.º 32, mas muito próxima cronologicamente. (Fig. 20, Fig.21 e Fig. 22).

Sepultura **41** – esta sepultura também forneceu muito e variado espólio e algum de reduzida dimensão, nomeadamente uma lucerna, um pucarinho, copinhos, em miniatura, fazendo supôr tratar-se de uma sepultura infantil ou jovem, enquadrável na segunda metade do séc. I e inícios do II. O cinzeiro era de razoável dimensão (1,30m x 80cm). O topo das bilhas estava ao nível de uma camada de carvão bastante denso, com cerca de 5 cm de espessura, ultrapassando em algumas zonas, sendo alguns dos carvões de grandes dimensões. Tinha muitos fragmentos cerâmicos na terra que o cobria. Quatro vasos cerâmicos estavam voltadas para baixo. Forneceu um púcaro em cinzenta fina polida, com decoração incisa com traços na diagonal, prato de engobe vermelho, um pequeno jarro com os dois orifícios costumeiros no bojo, um jarro invulgar, de perfil em S alongado, bordo moldurado de gargalo fino, engobe cinzento escuro matizado, com listas pintadas de várias cores no bojo, desde o azul ao amarelado e alaranjado; um copo de bom engobe amarelado, com depressões ovais na parede, inspirado nos copos de vidro gomados ou na forma Mayet VI das Paredes Finas (Mayet, 1975:PL. LXXVIII, VI, VII); três pratos de sigillata hispânica 15/17, um com marca da oficina do oleiro Valerius Paternus (EX OF VAPAT), outro, de grandes dimensões, com uma marca indefinida (EX OF VA, sem traço no A e em ligatura) e com grafito RE; uma taça de sigillata hispânica 8, com um grafito REs ( o R e E em ligatura e o S muito pequeno, dentro do E); este grafito é igual a outro que existe na sepultura n.º 59; três tacinhas de pastas acastanhada, branca e beije.

Sepultura **42** – cinzeiro elipsóide, de 1,20m x 80cm, com um prato com o interior preenchido por dois tipos de terra, uma castanha solta e outra, saibrosa; havendo em redor uma terra castanha, parece ter sido intencional; um copo beije claro (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160), um copo pequeno de cinzenta fina polida; um jarro grande, um jarro pequeno beije, uma taça baixa e larga. (Fig. 23, Fig. 24 e Fig. 25).

Sepultura **5** – cinzeiro grande (1,40m x 80cm) com um conjunto de carvões e ossos concentrados ao lado dos vasos. Estes eram constituídos por uma lucerna muito degradada, sem decoração aparente, com a marca LVCRETI, do oleiro Lucretius, com bico redondo, separado da orla por um segmento de recta, da segunda metade do séc. I, séc. II; outra lucerna pequena, com a figura de Helius com cinco raios na cabeça e parte do busto. Tem o orifício de alimentação descentrado para não afectar a decoração do disco e apresenta fuligem no bico. Tem uma marca bem impressa em duas linhas, com letra capital romana, DOMITI P., estando o P. na linha de baixo. Este tipo de decoração foi muito usada por vários oleiros, desde o início dos Flávios até finais dos Antoninos; um prato de sigillata hispânica 15/17, com marca ilegível (EX [ ] IO) e grafito CVPR[ ] / LVPR[ ], sendo a primeira letra um C ou um L e um fundo muito espesso da mesma forma e fabrico; uma tigela em sigillata hispânica, com um grafito mal feito, em duas linhas: a de cima, parece um numeral; a de baixo, só se percebem dois A; uma outra tigela 27 hispânica com um grafito FV SE ER ou CV SE ER, com espaço entre cada duas letras; um jarro de engobe laranja; uma taça de sigillata hispânica 8; uma taça e copo de pasta fina (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160); um copo de cinzenta fina polida; um prato de engobe vermelho, com muita fuligem no exterior. Havia também um aro incompleto em bronze de fíbula em ómega e sem fusilhão e uma moeda degradada, em bronze.

Sepultura **8** – cinzeiro pequeno, rectangular de 80cm x 40cm, aberto no saibro e que apenas continha um jarro em pasta fina (tipo fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160), com engobe amarelado.

Passamos agora ao 3.º grande plano (Fig. 40), constituído pelas sepulturas n.º 21, 26, 28, 37, 24, 25, 27, e por manchas de carvões com ossos e ferros cuja interpretação nos escapa, mas que não parecem tratar-se de piras, onde eventualmente se fizesse a cremação antes de levar à sepultura. Encontram-se neste grupo o n.º 44 (que, estando sobre a n.º 54 e tendo fornecido fragmentos cerâmicos, muito carvão e osso, pode considerar-se ou pertencente à n.º 54, ou restos de sepulturas afectadas por outras posteriores), n.º 49 (mancha de carvões por cima do n.º 51 sem material), n.º 47 e n.º 46 (pequenas manchas, de pouca espessura com alguns fragmentos de pregos) e o n.º 23 cinzeiro irregular sem carvões nem ossos que não forneceu qualquer espólio.

Sepultura 26 – cinzeiro grande, irregular, de 1,30m x 90cm/1m com carvões e ossos. Esta sepultura também forneceu bastante espólio: uma lucerna de disco côncavo decorado com coroa de folhas e cachos de uvas (?), com um enorme orifício de alimentação que estragou a decoração. Em termos de decoração encontramos paralelos em Balsa (Nolen, 1994:41, EST.3, lu-8), que a situa entre finais de Tibério a inícios de Trajano, mas as lucernas de bico redondo já prolongam essa cronologia, entre a segunda metade do séc. I e o séc. II. A marca do nosso exemplar (EX O, na primeira linha e LUCRETI, na de baixo) é da oficina de Lucretius e é referida (Martins e Delgado, 1989/90:171) como sendo de fabrico local, de pasta e engobe muito semelhantes às da bracarense e com um raio de difusão relativamente limitado, em redor daquela capital de *conventus*; caçarola de asas oblíquas, dois pratos da forma 36 em fabrico bracarense, um copo pequeno laranja, um jarro pequeno trilobado e, em sigillata hispânica, dois pratos 15/17, um com marca ilegível, outro com marca [E]X [O]F PAPR, de que ainda não encontramos paralelos e um grafito no bordo, semelhante ao do n.º 5, LV SE ou CV SE, uma taça de sigillata hisp. 8, um jarrinho do mesmo fabrico, hisp. 1 com asa e liso. Todo este espólio, mais o facto de ter formas variadas de sigillata, fazem supor alguma riqueza.

Sepultura 21 – cinzeiro cheio de carvões, dando a sensação de o corpo ter sido aqui queimado, embora a terra não apresente a textura pastosa e oleosa que uma cremação sugere. De tamanho semelhante ao anterior, mede cerca de 1m x 85cm. Muito perto do n.º 26, parece terem sido tumulados com pouco tempo de diferença. Tal como o anterior, também este apresenta um espólio variado, embora não tão rico: Prato de asas exteriores e com muita fuligem, que também aparece num jarro trilobado de cor bege e num outro prato, quer



Figura 23. 1.º plano - sepultura 42; atrás, 41



Figura 24. Parte do espólio de n.º 41



Figura 25. Sepultura 41: copo e grafito REs

no interior, quer no exterior, o que pode significar ter acompanhado o defunto na cremação; prato grande de engobe vermelho (o prato grande assentava num outro prato); jarro com bordo moldurado e copo de bom fabrico (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160); uma taça em pasta clara e engobe alaranjado, imitando a sigillata hispânica 8, cujos tamanho e forma se atribuem a vasos dos fins do séc. I.

Sepultura **28** – cinzeiro pequeno, sob o n.º 12, de forma elipsoidal, de 70cm x 56cm de uma sepultura de incineração com probabilidade de se ter queimado no local – muitos carvões e ossos espalhados. De materiais, exumámos um prato de sigillata hispânica 36, um púcaro de cinzenta fina polida, um copo (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160) e um fragmento de lucerna de volutas, fabrico do séc. I, como aliás se baliza o restante espólio.

Sepultura **37** – cinzeiro muito pequeno, com 70cm x 50cm, com incineração noutra local, sem carvões. Foram exumados dois copinhos de cinzenta fina polida, duas tigelas de sigillata hispânica 27 com o nome grafitado na parede interna (PERIO), uma imitação de sigillata 36, um prato bracarense da forma 36, um prato pequeno beije e uma tigela da mesma pasta, imitação da forma 24/25; fragmento de pança de dolium. Os fabricos destes vasos são todos de boa qualidade com boas pastas e acabamentos cuidados, atribuíveis à segunda metade do séc. I.

Sepultura **25** – cinzeiro pequeno de forma irregular, com 40cm x 40cm, também incinerado fora da sepultura, que não tem carvões. De lá tirámos dois copos de carena baixa, um em pasta cinzenta fina polida, outro de cor laranja; um prato de pasta alaranjada, muito alisado, quase polido e um jarro, de gargalo bojudo, cilíndrico, com asa sulcada, forma que aparece muito durante o séc. I.

Sepultura **27** – cinzeiro pequeno de forma subrectangular, de 80cm x 50cm, encaixada no saibro. O corpo foi incinerado fora. Estavam depositados dois pratos de sigillata 15/17, um com grafito CVIPR ou LVIPR, semelhante ao do n.º 5; uma tigela de sigillata hispânica 27; dois fundos de púcaros; três pratos e um fundo de taça de engobe amarelado sem vestígios de fuligem; fragmentos de lucerna de volutas; uma pedra talhada em forma de meia esfera.

Sepultura **24** – cinzeiro rectangular, relativamente regular, com 80cm x 40cm, aberto no saibro onde se

encontrou um prato de sigillata hispânica 15/17 e um púcaro em cerâmica cinzenta fina polida.

O 4.º plano (Fig. 41) é formado pelas sepulturas 45, 36, 50, 48, 54, 61. Sem espólio, apenas apresentando manchas carbonizadas, registamos: n.º 51 – mancha rectangular comprida de 1,40m x 40cm, com muitos carvões e ossos, eventualmente associada à sepultura n.º 64, pois já aparece delineado um fragmento de madeira carbonizada, que circundava essa estrutura; n.º 47 – mancha muito ténue de carvão com 70cm x 45cm; não tem material inteiro, apenas alguns fragmentos de cerâmica e pregos (provavelmente foi desfeita aquando dos enterramentos posteriores); n.º 53 – mancha irregular de carvões com alguns fragmentos de osso calcinados, mais ou menos de 80cm x 50cm, nos eixos mais compridos, sem materiais; n.º 56 e n.º 58 – níveis de carvão numa pequena depressão, encaixados no saibro, sobrepondo-se o n.º 58, com muitos fragmentos de osso e sem materiais associados.

Sepultura **36** – tumulação pequena, de forma quase quadrada irregular, de angulos arredondados, de 75cm x 60cm, cortada pela sepultura n.º 9, ao lado e sob o n.º 35, a Leste. Mais uma vez estamos perante uma sepultura que deu muito e variado espólio, com um objecto curioso e pouco habitual, que interpretámos como um candeeiro, depois de reconstituídas as peças soltas. Trata-se de uma base triangular alta que sustenta três globos alongados verticais, cada um assente sobre orifícios existentes no pé; a pasta é branca e depurada, com um engobe fino vermelho escuro, lembrando as pastas das lucernas de bom fabrico. O restante acervo era constituído por um prato grande de engobe vermelho e fuligem no exterior, um prato pequeno cinzento, com fuligem no interior e onde foram depositados os ossos calcinados, uma tigela pequena da forma 35 em fabrico bracarense, uma bilha com engobe laranja forte, uma jarra com duas asas de pasta branca e engobe amarelado (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160), dois fundos de jarros de engobes branco e amarelado, um púcaro de cinzenta fina polida, muito brilhante (lembrando os vasos cinzentos da Idade do Ferro, no fabrico) e muitos elementos em ferro, sendo alguns, pregos. Pelo material, fabricos e pastas cuidadas, a cronologia sugerida é o 3.º quartel do séc. I e eventualmente fins. (Fig. 26, Fig. 27 e Fig. 28).

Sepultura **45** – cinzeiro muito espalhado em

área, com 123cm x 90cm, de forma mais ou menos rectangular, encostado à sepultura n.º 9 por quem foi cortado. O espólio era todo constituído por sigillatas, um prato hispânico 15/17, uma tigelha hispânica 27 e uma taça hispânica 37 decorada, esta última numa mancha de carvão e osso. Além de sugerir uma sepultura de algumas posses, é facto raro ter só sigillatas.

Sepultura 50 – pequeno cinzeiro, de 35cm x 30cm, recortado no saibro. Possuía apenas uma larga taça hispânica 8 que tinha no seu interior ossos, uma moeda muito degradada e uma lucerna de canal (*firmalampen*), tipo Bailey N(iii) ou Dressel 5C/6, com o disco muito côncavo, que aparecem a partir dos Flávios (Beltrán Lloris, 1990:264, 271; Alarcão *et al*, 1976:106, PL. XXIX n.º 122), o que condiz com a sigillata encontrada. Apesar de se encontrar neste plano, é das mais recentes deste conjunto tumular.

Sepultura 54 – cinzeiro de forma rectangular, muito regular, com 98cm x 88cm, debaixo do n.º 44, selada por este e com vário espólio: jarro trilobado com fuligem, jarro pequeno com bordo moldurado, duas asas e ombros carenados, jarro com bordo moldurado, jarro de boca larga, incompleto, apresentando o orifício típico dos enterramentos, copo em pasta laranja, fundos de pucarinho, um em cerâmica cinzenta fina polida, o outro em beije claro (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160), um copo de vidro fragmentado, um prato beije sem nenhum vestígio de fuligem e um cinzento com fuligem, duas taças de pasta depurada e cor beije e uma moeda muito degradada. Apesar de abundante, neste conjunto estão ausentes as sigillatas, o que pode ter uma explicação social ou cronológica. A datação deve situar-se na segunda metade do séc. I.

Sepultura 48 – cinzeiro de forma oval, bastante extenso, de 1,40m x 1m, nos eixos mais extensos, com muitos carvões por



Figura 26. Sepultura 36 ao lado da sepultura 9



Figura 27. “Candeeiro” da sepultura 36



Figura 28. Pratos com ossos e ferros da 36



Figura 29. Sepultura 48



Figura 30. Sepultura 54



Figura 31. Parte do espólio da sepultura 54

cima. Localizados no centro da sepultura, embora afastados uns dos outros, encontravam-se os vasos: um jarro de boca larga e um púcaro com asa, ambos de fabrico depurado (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160), um pucarinho de cerâmica cinzenta fina polida, um jarro trilobado com fuligem, uma taça em imitação da sigillata hisp. 8, um prato de imitação de sigillata da forma hisp. 36 em pasta beije alaranjada, um prato de engobe laranja no interior e fuligem no exterior, vários pregos. (Fig. 29, Fig. 30 e Fig. 31).

Sepultura 61 – pequeno cinzeiro, de 60cm x 28cm com uma peça isolada, um jarro trilobado, incompleto.

O quinto plano, muito próximo do anterior, uma vez que já naquele tinham aparecido as manchas denunciadoras das sepulturas, congrega os seguintes cinzeiros:

Sepultura 52 – cinzeiro quase quadrangular (80cm x 80cm), encaixado no saibro, com mancha de carvões e fragmentos de osso, sob o qual surgiram onze peças de cerâmica: um jarro de pasta beije escura, pintado com faixas horizontais de cor laranja; dois jarros de boca larga e bordo esvasado, com asa, um apresentando vestígios de engobe laranja, o outro de pasta esbranquiçada (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160); um jarro incompleto com engobe espesso de cor laranja forte; um copo grande, de engobe espesso amarelo acastanhado e outro mais pequeno (fabrico E de Martins e Delgado, 1989/90:160); púcaro trilobado; uma taça semelhante à hisp. 8, com excelente engobe vermelho; um prato / frigideira, com muita fuligem, com ossos e carvões dentro; um prato fino de forma não canónica, com abas largas convexas, de boa qualidade, com engobe laranja. Pelo material, esta sepultura parece-nos ser das mais antigas.

Sepultura 55 – cinzeiro de tamanho pequeno (56cm x 40cm), com uma mancha de carvões muito ténue sobre a qual temos peças de cerâmica, um prato bracarense da forma hisp. 36, com a aba roletada com boa impressão, um jarro de boca larga, bordo em aba,

moldurado, com asa, de pasta laranja clara e uma conta de colar em bronze.

Sepultura 57 – pequeno cinzeiro, de 72cm x 48cm, mancha de carvão com osso sobre a qual surgiram várias peças de cerâmica: uma tigela de sigillata hispânica 27, de tamanho pequeno, com marca pouco legível OF CAI (sem traço no A), que permite várias leituras. Tem vários grafitos, sendo um alfabético: LPII. A sua cronologia aponta para o terceiro quartel do séc. I, pela qualidade da pasta, do engobe e da forma do vaso; um pucarinho em cinzenta fina polida; um jarro de pasta branca (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160); um prato cinzento, com asas oblíquas e muita fuligem; um púcaro de duas asas em pasta beije com engobe um pouco mais escuro, de carena baixa no bojo; um prato bracarense da forma 36 da sigillata. Em metal, recolhemos uma falcata incompleta, muito deteriorada e fragmentos de pregos.

Sepultura 60 – pequeno cinzeiro de 40cm x 28cm, encostado ao n.º 65, que forneceu somente um jarro com asa e gargalo cilíndrico bojudo, de pasta clara (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160), muito comum no séc. I.

Sepultura 59 – cinzeiro em forma oval irregular, de 76cm x 60cm, com um grande número de peças, aparentemente da segunda metade do séc. I: dois copos, um mais pequeno de bojo baixo (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160); um prato de sigillata hispânica 15/17 com marca EX O[ ] MA, cuja leitura a aproxima de um exemplar publicado como marca fragmentária, mas cuja aparência é semelhante à nossa (MAYET 1984: 189, nº 767); esta peça tem grafitos não alfabéticos no fundo externo e um alfabético no interior da parede, igual a outros já verificados nesta necrópole, REs, sendo que o R e E estão em ligatura, com o S, muito mais pequeno se encontra dentro do E; uma tigela de sigillata hispânica 27 de tamanho pequeno, com marca OF VAPA, da oficina de Valerius Paternus; um prato em cerâmica beije, imitação da forma 36; um prato em pasta castreja muito



Figura 32. Espólio da sepultura 59



Figura 33. Espólio da sepultura 52



Figura 34. Espólio da sepultura 57

micácea, acastanhado; um pote, tipo *olla* cinerária, castanho, com manchas de fuligem; um jarro trilobado de pasta laranja, com fuligem; uma taça de sigillata hispânica 8, de boa qualidade e formato antigo, que se encontrava cheia de ossos calcinados; no interior, tinha o mesmo grafito RES já referido; em bronze havia uma moeda muito deteriorada e o aro de um anel. (Fig. 32, Fig. 33 e Fig. 34).

Nº 65 – grande mancha de carvão de formato sensivelmente rectangular (1,80m x 1,40m), com abundantes fragmentos osteológicos e cerâmicos. A espessura da mancha atingiu, em alguns pontos, os 8 cm. Apresenta grande quantidade de pregos dispersos em toda a área, bem como vestígios de madeira rubefacta no perímetro. Não nos parece tratar-se de uma sepultura, mas talvez da pira onde eram cremados os corpos, pelo menos numa determinada fase de utilização da necrópole.

Nº 67 – mancha irregular de carvões de formato rectangular de 1,40m x 1,20m, pouco espessa, com vestígios de madeira rubefacta no perímetro, bem como pregos e fragmentos osteológicos. Forneceu escassos fragmentos de cerâmica.

O sexto plano corresponde às últimas tumulações encontradas, algumas já escavadas no saibro. Nele se inscrevem as seguintes sepulturas:

Sepultura 62 – mancha irregular de carvão, de 80cm x 90cm, sobre a qual surgiu uma peça em vidro toda fracturada.

Sepultura 63 – cinzeiro quase quadrangular (70cm x 80cm), com carvões e muitos fragmentos de osso, pregos e cerâmicas, associados a um prato e um jarro trilobado, com muita fuligem.

Sepultura 66 – cinzeiro de formato rectangular comprido (1,48m x 40cm), definido por manchas de carvão com pregos. No interior surgiram vários fragmentos de osso, no meio de carvão. Num dos topos foi detectada uma lucerna com representação da Vitória segurando o disco, ou Vitória empunhando a coroa da abundância, tema muito conhecido em diferentes formas de discos (Nolen, 1994:45, nº 57; Alarcão *et al*, 1976:143, nº 30), sendo a cronologia atribuída à época flávia.

Sepultura 64 – sepultura definida por uma linha de carvão de formato quadrangular ou rectangular integrada no saibro, com vestígios de madeira rubefacta. O cinzeiro é pequeno (48cm x 40cm) e de forma oval. Exumámos um púcaro em cerâmica cinzenta fina, de tom claro, com grafito PATER F, um copo em cerâmica fina polida muito brilhante, um prato castrejo com muita fuligem no interior e um prato de imitação da forma 36 da sigillata, em pasta beije muito alisada e polida, mas sem engobe. (Fig. 35, Fig. 36 e Fig. 37).

## 4. Aproximação a uma síntese

### 4.1. Localização e implantação

Relativamente à localização e implantação das tumulações, uma das questões que se coloca, à partida, é saber se é legítimo falar de uma só necrópole, porquanto está relacionada com o povoado, ou se se tratam de várias necrópoles que, ao longo do tempo e, mesmo se em simultâneo, foram acolhendo as sepulturas. A ser uma só necrópole, rodearia todo o castro, aspecto ainda não comprovado arqueologicamente, mas que tem paralelos nalgumas cidades hispânicas (Martins e Delgado, 1989/90:175); tratando-se de várias necrópoles, estariam a acompanhar as várias saídas do povoado, como sucede em Braga? Pelos testemunhos, temos indicações que apontam para mais que um local, embora com localizações incertas<sup>5</sup>. Para já, o que podemos afirmar com os poucos dados que possuímos, é estar perante vários núcleos de enterramentos, onde coexistem, senão temporal, pelo menos, espacialmente, os dois ritos: incineração e inumação, com algumas diferenças de pormenor no registo arqueológico. A necrópole de inumação escolheu um local mais elevado, na encosta do monte e a de incineração, numa zona mais baixa. A área dos enterramentos está mais ou menos delimitada: para um lado (S) a de inumação, numa área de cerca de 140 m<sup>2</sup>; a de incineração parece ser um núcleo acantonado na depressão formada pelo afloramento, numa área de 50 m<sup>2</sup>. Verifica-se, assim, que em Mozinho, não há uma separação física de grande distância entre os dois ritos

<sup>5</sup> Na obra citada, (Almeida, 1974:36), C.A.F. de Almeida refere que, na saída para Mesão Frio (a Sul do povoado), haveria outra; para os lados de Oldrões (a Este) situar-se ia uma segunda; e para norte, comenta haver registos de enterramentos;

de enterramento, dando a ideia de que os que chegaram depois (inumação) propositalmente escolheram os locais já anteriormente sagrados por enterramentos mais antigos. E, embora não haja elementos para delimitar as necrópoles de 1974/75, constata-se que também ali existe uma proximidade física entre os dois ritos de tumulação.

A necrópole de incineração encontra-se concentrada num pequeno anfiteatro rochoso, apresentando uma grande densidade de sepulturas, com espessuras entre 5cm e 10cm, medida que muitas vezes é superior à que separa as sepulturas umas das outras. Os vários núcleos agrupados em conjuntos mais ou menos definidos como o nosso caso de estudo, não permitem a percepção dos critérios de agrupamento, que podem ser familiares, a avaliar pela presença dos mesmos grafitos nominais em sepulturas diferentes. Constata-se, assim, que uma diferença entre os dois tipos de rituais está na concentração das sepulturas: nas de inumação, não só devido à dimensão, as sepulturas encontram-se muito mais espaçadas e com menor concentração.

#### 4.2. Tipos de sepulturas

As sepulturas de incineração não têm uma orientação definida, mesmo quando a mancha dos cinzeiros é longitudinal (retangular de ângulos arredondados ou elipsoidal), achando-se implantadas numa certa desorganização, com os vasos dispostos de variadas maneiras, umas vezes virados para baixo, e as esquirolas de ossos ora aparecem espalhadas nos cinzeiros, ou dentro de vasos (taças, pratos ou recipientes em vidro).

As de inumação, pelo contrário, mantêm uma direcção constante, genericamente de SE/NW. Pelas sepulturas escavadas e partindo do princípio que as cabeceiras se encontrariam a Oeste, procurámos determinar a existência de um padrão na disposição dos vasos, chegando à conclusão que



Figura 35. Sepultura 50



Figura 36. Grafito PATER da sepultura 64

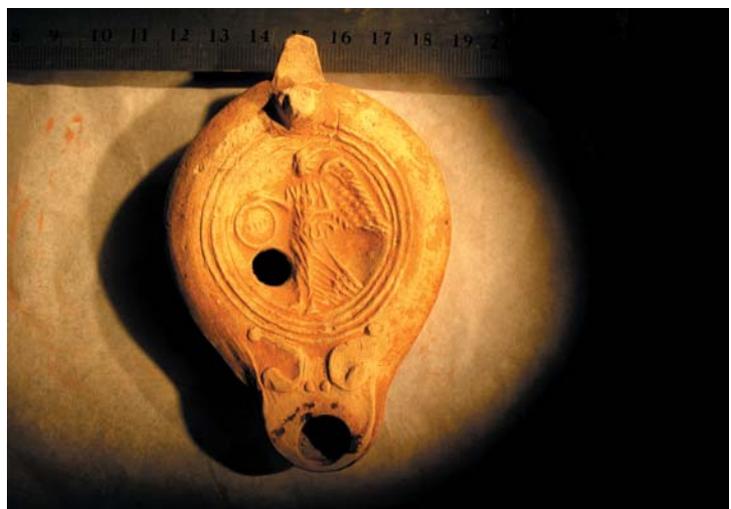


Figura 37. Lucerna da sepultura 66

tinha algo de aleatório, se bem que em algumas se verifique uma certa arrumação; há casos em que os vasos estão depositados aos pés, outros em se separam os jarros, junto aos pés, dos restantes vasos (pratos, tigelas, copos), mais perto da cabeceira; noutros casos ainda estão agrupados sensivelmente a meio.

Quanto à forma e tipologia, as de incineração são cinzeiros (não apareceu nenhum covacho) e têm em geral uma forma ovalada, mais ou menos regular, que varia entre 0,80m x 1m; 0,40m x 0,80m, ou, por vezes, 40cm x 40cm. A n.º 9 é a única excepção, estruturada em caixa de pedra; registámos, ainda, uma forma mais rectangular, bastante comprida (caso dos cinzeiros n.º 15 e n.º 66, embora no primeiro tenhamos dúvidas quanto à sua função, uma vez que não forneceu material; o segundo exemplo, também se afigurou estranho, uma vez que continha um número anormal de pregos de várias dimensões (cerca de 30, uns muito pequeninos, tipo tachas, outros grandes) e como material inteiro apenas uma lucerna numa das periferias, o que poderia indiciar um *bustum*. Com a mesma hipotética função, destacaríamos o conjunto n.º 65 que, para além de uma espessa camada de cinzas e carvões, numa área considerável, tinha a envolvê-la uma estrutura de madeira carbonizada. Os vasos sobressaem sempre do cinzeiro, como que pousados sobre ele.

As sepulturas de inumação têm todas uma forma rectangular ou subrectangular, cujas dimensões variam entre os 1m x 2m; 0,70m x 1,90m; 1m x 2,5 m, quase todas simples covas no saibro, com caixões de madeira sinalizados por pregos ou dobradiças nos cantos, excepto uma, estruturada em caixa de pedra, coberta de tegula e placas de xisto, tendo o rebordo da parede rematado por ímbrices. Nenhuma delas tinha cobertura em telhado de duas águas, como é comum noutras necrópoles (Fabião *et al*, 1998:204), tendo, as que eram cobertas, cobertura plana. Também nenhuma tinha estela funerária, o que pode ter sido devido ao facto de, por se encontrarem muito à superfície, terem sido levadas ao longo dos tempos para serem reutilizadas. A única estela relacionada com a necrópole, foi a que apareceu fora de contexto, em 1974.

As sepulturas de incineração fornecem, em média, muito mais espólio (rico e variado) que as do Baixo-Império, embora estas últimas se mostrem bem recheadas, com uma média de 5 a 6 vasos por sepulcro.

Todas as sepulturas têm vasos para líquidos - de beber e de servir (água, vinho, azeite: bilhas pequenas, com bordos muito moldurados, seriam para azeite?) - e vasos para comer (malgas e pratos), tendo-se registado muitas peças sem vestígios de uso: pratos, bilhas e copos sem nenhuma mancha, com as características de fabrico visíveis sobretudo nos fundos, sem nenhuma patine. Por outro lado, há dois tipos de vasos que apresentam muitas vezes vestígios de fuligem: os jarros trilobados (sobretudo no bordo e gargalo) e os pratos (com fuligem no interior), fazendo supor que eram incinerados juntamente com o defunto ou perto dele. Como ritual costumeiro nas necrópoles, também grande parte das bilhas e púcaros apresenta um orifício no bojo que varia de diâmetro entre os 4 mm e os 25 mm. A moeda para pagar a passagem não está presente em todas as sepulturas, mas existe nos dois rituais de tumulação.

#### 4.3. Formas e fabricos

Nas sepulturas de incineração foram encontrados os seguintes fabricos:

- de importação: sigillata altoimperial (sempre hispânica), cinzenta fina polida, bracarense, lucernas, vidros, materiais estes que fornecem índices e limites cronológicos, enquanto as moedas não estiverem tratadas.
- comum – com base no tipo de fractura, desengordurantes utilizados (distribuição relativa e calibração), a cor e os acabamentos, apurámos cerca de dez fabricos distintos, dos quais quatro são de textura fina: bege clara esbranquiçada com engobe amarelado, polido, com variantes na cor da pasta (fabrico E e E1 de Martins e Delgado, 1989/90:160), utilizados sobretudo nos copos, com ligeiras diferenças de textura; fabrico muito fino e depurado, semelhante à pasta bracarense e que em Braga só referem para cerâmica pintada (fabrico C de Martins e Delgado, 1989/90:160); cinzenta fina polida. De textura menos fina, detectámos cerca de seis fabricos, variando a quantidade, calibração e classificação dos desengordurantes, desde pastas mais ou menos homogéneas e compactas, até às completamente arenosas. Em Mozinho constata-se que os pratos que não sejam em sigillata, bracarense

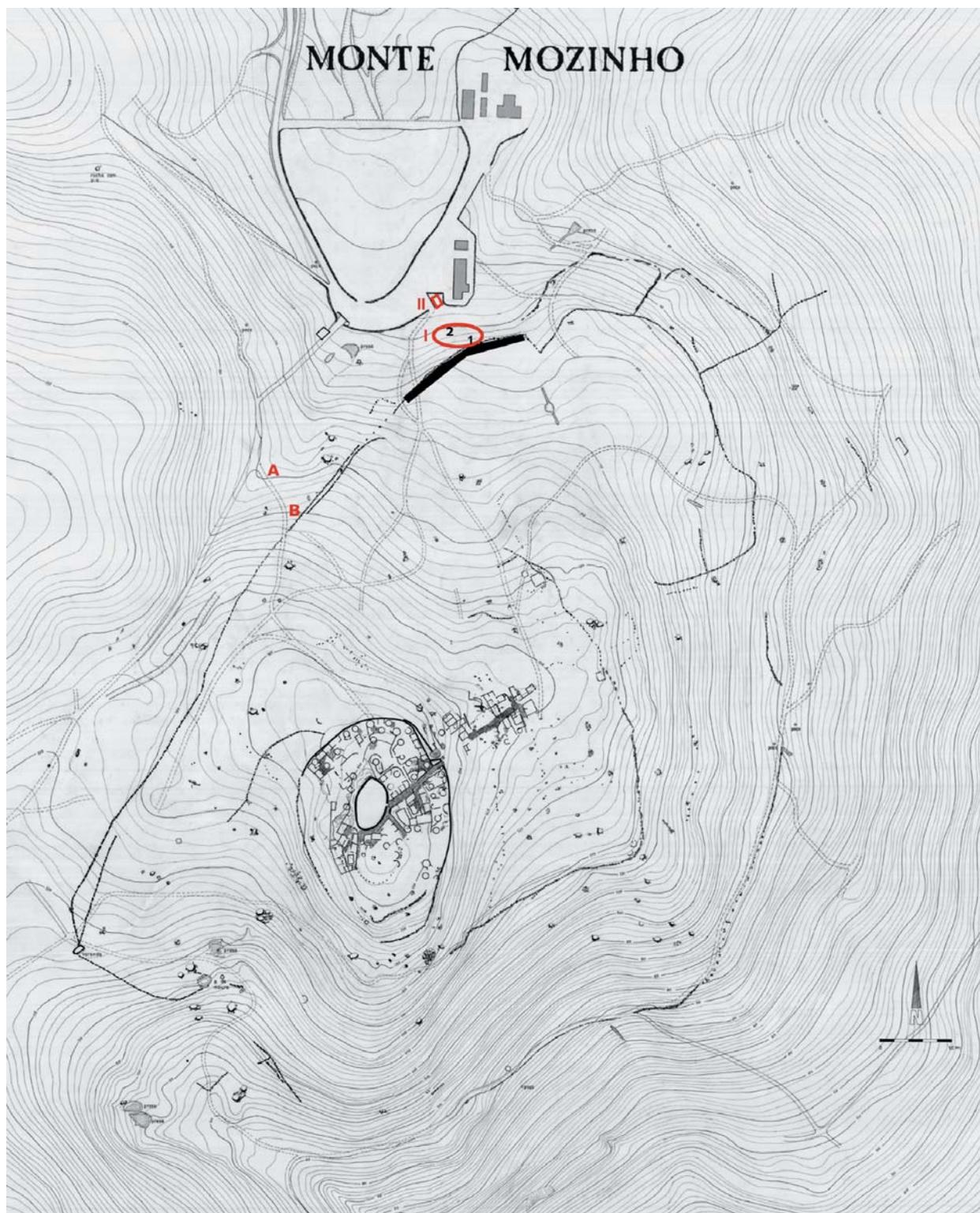
ou imitações, são sempre de pasta grosseira, sejam de cor castanha, beije ou laranja. Sendo os pratos presentes em quase todas as sepulturas, por vezes em número considerável, estranhámos que nas necrópoles de Braga não estejam documentados. Não nos parece que a diferença se deva a cronologias distintas, uma vez que a maioria é do séc. III e no séc. III (Almeida, 1977:29, Est. XV, 2) e IV, em Mozinho, há muitos pratos e caçarolas em grande quantidade.

Nas sepulturas de inumação, estão ausentes, em termos de formas / fabricos, as cerâmicas de importação, como lucernas, sigillatas, cinzentas finas polidas e bracarenses, o que indicia uma não coexistência temporal entre estas duas necrópoles; tão pouco existem sigillatas africanas ou hispânicas tardias; o restante espólio é muito semelhante entre as sepulturas de inumação e as de incineração, sugerindo que certas formas e fabricos se mantiveram durante séculos.

#### 4.4. Cronologias

A necrópole de incineração parece ter tido uma utilização muito curta no tempo (basicamente da época

Flávia), a avaliar pela homogeneidade cronológica do espólio e pelo facto de haver muito pouca espessura entre as sepulturas, o que sugere uma utilização continuada. As razões do balizamento cronológico não estão determinadas, pois nada permite perceber porque se parou de tumular numa época tão temporânea, uma vez que sabemos pelas descobertas da necrópole escavada em 1975/76 (Almeida, 1977:29), haver incineração em covachos nos meados do séc. III, atestando, assim, a continuidade de ocupação do castro e consequentemente das necrópoles. Sendo o espaço tão reduzido, poderá ter ficado lotado e iniciar-se noutra local, ou ser um agrupamento familiar, tal como vimos pela repetição de alguns grafitos. Por outro lado, faltam-nos descobrir as necrópoles da primeira metade do séc. I, uma vez que essa fase corresponde a uma grande pujança ocupacional do castro, tendo fornecido um número considerável de sigillatas sudgálicas, que estão ausentes em qualquer sepultura. A necrópole de inumação não permitiu elementos de datação segura, embora a estatigrafia e a relação com a escavação da muralha, bem como o rito escolhido, permitam situá-la a partir do séc. IV. A sua orientação genericamente Oeste / Leste, bem como a proximidade do edifício, sugerem a influência do cristianismo.



**Figura 38.** Planta topográfica de Mozinho com a localização das necrópoles: A – sepulturas de inumação escavadas em 1974; B - sepulturas de inumação escavadas em 1974; I – Necrópole de inumação de 2004; I (1) – 1ª sepultura, de 2002; I (2) (2ª sepultura, de 2003; II – Necrópole de incineração de 2004.



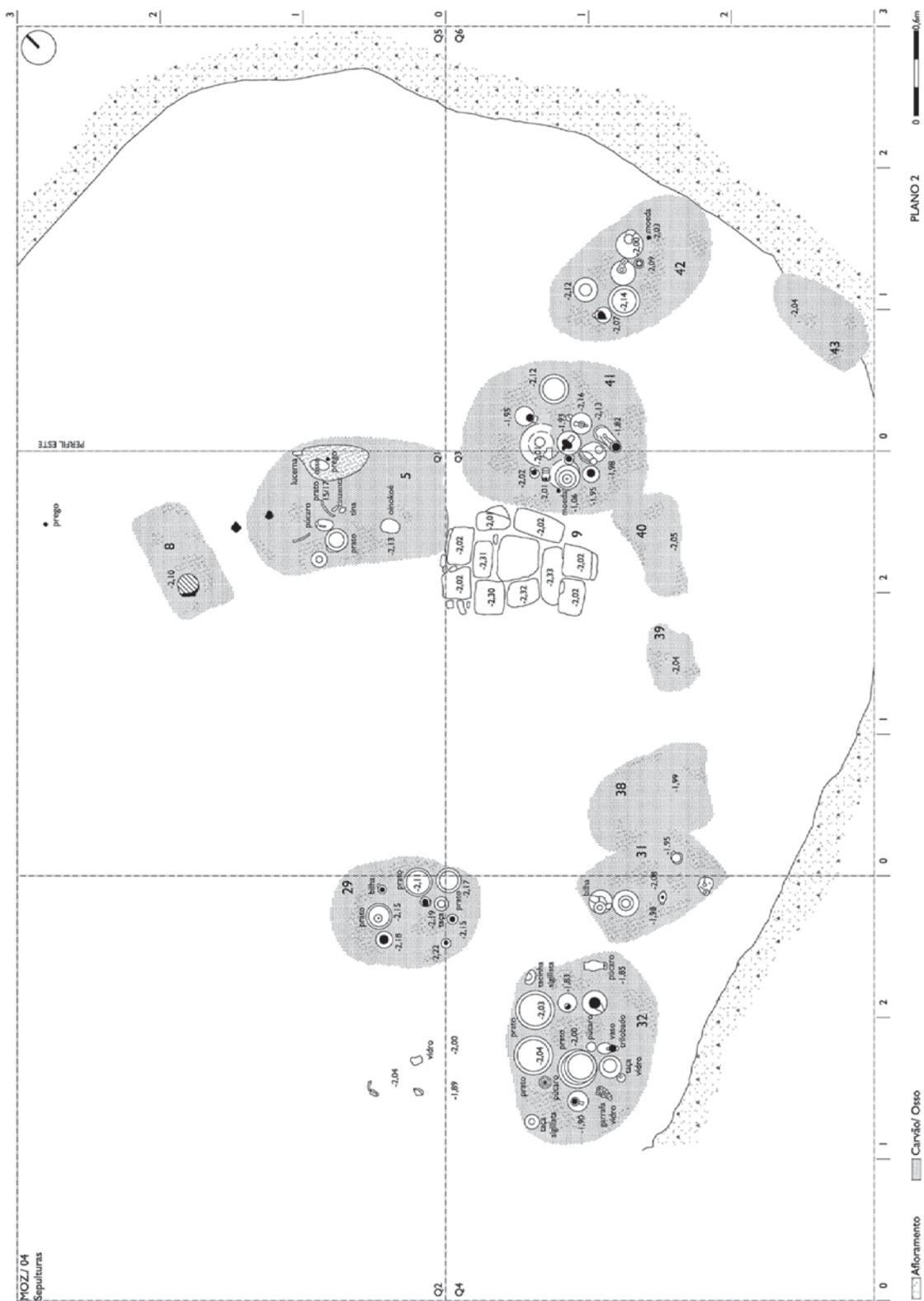


Figura 40. Plano 2









## Bibliografia

- ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) - *Fouilles de Conimbriga. Céramiques diverses et Verres*. VI. Mission Archéologique Française au Portugal. Paris.
- ALMEIDA, C.A.F. (1974) - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Centro Cultural Penafidelis. Penafiel.
- ALMEIDA, C.A.F. (1977) - *Escavações no Monte Mozinho II 1975-1976*. Centro Cultural Penafidelis. Penafiel.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Guía de la Cerámica Romana*. Libros pórtico, Zaragoza.
- CARVALHO, T.P.; QUEIROGA, F. (2005) - O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos, in CARVALHO, T.P. (Coord.), Colóquio “O Castro – um lugar para habitar”. *Cadernos do Museu, nº11*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.
- CARVALHO, T.P. (1998) - A Terra sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado). *Cadernos do Museu, nº 3*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A.; LAÇO, T.; MELRO, S.; RAMOS, A.C. (1998) - Necrópole Romana do Monte Novo do Castelhinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 1. Nº 1. Lisboa: IPA, p.199-220.
- MACHADO, F.S. De Lacerda, Uma Cidade Morta ou Castro de Santo Estevão de Oldrões. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1920.
- MACHADO, F.S.L. (1920) - *Uma Cidade Morta ou Castro de Santo Estevão de Oldrões*. Coimbra.
- MARTINS, M.; DELGADO, M. (1989/90) - As necrópoles de Bracara Augusta. A. Os dados Arqueológicos. *Cadernos de Arqueologia*. Série II. 6,7, p.41-186.
- MAYET, F. (1975) - *Les Céramiques Les Céramiques a Parois Fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris.
- MAYET, F. (1984) - *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. 2 vol. Paris: Publications du Centre Pierre Paris. 12 Collection de la Maison des Pays Ibériques. 21.
- NOLEN, J. (1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torres de Ares*. Balsa. I.P.M.
- PINHO, J. (1931) - *A Necrópole Calaico-Romana do Mósinho*. Pena-Fidelis. II. Penafiel.
- SOEIRO, T. (1984) - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Boletim Municipal de Cultura*. 2ª série. Nº 1. Penafiel.